

O ESTILO NA MATERIALIDADE LINGUÍSTICA DE GÊNEROS DISCURSIVOS: UM ESTUDO DE *WEBCARTAS DE CONSELHOS* E *WEBNOTÍCIAS*

Rodrigo ACOSTA PEREIRA⁶⁷

Amanda Maria de OLIVEIRA⁶⁸

Resumo: Esta pesquisa baseia-se no Círculo de Bakhtin e na Análise Dialógica de/do/dos Discurso(s). Os dados são formados por 30 textos-enunciados do gênero carta de conselhos e 15 textos-enunciados do gênero notícia. Quanto às cartas, o autor se utiliza de recursos estilísticos que estão a serviço da orientação apreciativa do conselheiro/articulista face aos problemas do reclamante. Nas notícias, a instância autoral emprega recursos linguísticos para a projeção dos valores pretendidos com o intuito de orientar a resposta do leitor frente aos enunciados. Compreendemos, em síntese, que os gêneros em estudo são reacentuados nas revistas online de modo que os interesses editoriais sejam ratificados.

Palavras-chave: Cartas de conselhos. Notícia. Círculo de Bakhtin. Estilo.

Abstract: *This research is based on Bakhtin Circle and Dialogic Discourse Analysis. The data is composed by 30 utterances of advice letters and 15 utterances of the discourse genre news. Regarding to the letters, the author uses stylistic resources that are serving the appreciative orientation of the advisor regarding to the problems of the advice-seeker. In the news, the authorial instance uses linguistic resources to the projection of values intended in order to guide the answer of the reader facing the utterances. We understand, in summary, that the genres studied are reaccentuated in online magazines so that the interests of the editorials are ratified.*

Keywords: *Advise letters. News. Bakhtin Circle. Style.*

⁶⁷ Professor do Programa de Pós-graduação em Linguística da UFSC. Doutor em Linguística. Florianópolis/SC, Brasil. E-mail: drigo_acosta@yahoo.com.br

⁶⁸ Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da UFSC. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Florianópolis/SC, Brasil. E-mail: amandahmo@hotmail.com.br.

Introdução

O presente artigo tem como objetivo revisitar algumas das considerações teóricas do Círculo de Bakhtin acerca do conceito de estilo, em especial, à luz da discussão sobre gêneros do discurso. Os gêneros do discurso têm sido objeto de estudo na Linguística Aplicada sob diferentes matrizes teórico-epistemológicas (ACOSTA PEREIRA; RODRIGUES, 2010), dentre eles, a perspectiva dialógica concernente aos escritos do Círculo de Bakhtin e das pesquisas de seus interlocutores contemporâneos.

Assim, sob o escopo do dialogismo, este artigo apresenta uma discussão teórico-analítica acerca da relação entre o funcionamento dos gêneros do discurso e o conceito de estilo. O referencial teórico utilizado na pesquisa em tela compreende em um diálogo entre os escritos do Círculo de Bakhtin (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009 [1929]; BAKHTIN, 2004 [1924]; 2008 [1965]; 2011 [1979]; 2012 [1920/1924]; 2013 [1929]; 2014 [1975]; MEDVIÉDEV, 2012 [1928]) e os estudos contemporâneos denominados de Análise Dialógica de/do/dos Discurso(s) (BRAIT, 2013).

Para tanto, nosso artigo traz uma discussão entrecida aos aspectos teóricos que subsidiam as concepções de discurso, enunciado, gêneros discursivos, relações dialógicas e estilo. Ao final, apresentamos a análise dos dados à luz das discussões teórico-metodológicas mobilizadas.

Os gêneros do discurso e o estilo

De acordo com Bakhtin (2011 [1979], p. 279), “todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua”. Essas esferas estão organizadas socialmente, estabilizam relativamente os enunciados (ACOSTA PEREIRA, 2012), dando origem aos gêneros do discurso: “Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados [...]” (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 279).

Segundo Bakhtin (2011 [1979], p. 268), essa relativa estabilidade dos gêneros depende do conteúdo temático, do estilo de linguagem e da construção composicional, pois os gêneros discursivos “[...] refletem de modo mais imediato, preciso e flexível todas as mudanças que transcorrem na vida social”. Nas dimensões constitutivas dos gêneros – o conteúdo temático, composição e estilo verbal – estão vinculados no todo do enunciado, o qual é determinado pelo

campo específico de comunicação. Com isso, podemos compreender que o acabamento dos gêneros está engendrado nas especificidades das esferas de interação, através da “[...] elasticidade estrutural, a sua autonomia e a sua originalidade linguística e estilística” (BAKHTIN, 2014 [1975], p. 124). Portanto, os gêneros variam diante das esferas de interação, sendo mutáveis, assim como nossa realidade é mutável, e dá espaço para o novo. É nessas esferas de interação que o gênero recebe seu acabamento, tanto que “[...] cada esfera conhece e aplica os seus próprios gêneros [...]” (RODRIGUES, 2001, p. 70) e estilos próprios.

Os gêneros medeiam os discursos socialmente estabilizados, dando o acabamento ao enunciado. Assim, o conceito de gênero para o Círculo é engendrado às relações sociais, perpassa todos os diversos campos ligados pela linguagem e é concebido em um conceito plural à luz das dimensões verbais e extraverbais. Para tanto, os gêneros do discurso são uma forma enunciativa que está vinculada mais ao contexto comunicativo e cultural do que à palavra propriamente dita (MACHADO, 2013), ou seja, “[...] não são criados pelos falantes, mas lhes são dado historicamente [...]”, o seu uso está relacionado às esferas das atividades humanas com finalidades discursivas específicas (ACOSTA PEREIRA, 2012, p. 35).

Para o Círculo, os gêneros discursivos refletem de modo mais imediato, preciso e flexível todas as mudanças que transcorrem na vida social. Portanto, não há modo de dissociar gêneros do discurso da vida real. Segundo Medviédev (2012 [1928], p. 198), “cada gênero possui seus próprios meios de visão e de compreensão da realidade”. Sendo assim, é através dos enunciados concretos (gêneros) que a vida entra na língua, a compreensão da realidade não se dá por palavras ou frases isoladas, mas sim, por meio de enunciados.

Assim como há múltiplas elaborações e reelaborações das atividades humanas, os gêneros discursivos se incorporam nessas relações múltiplas, nos mais variados contextos: “o gênero é um conjunto de meios de orientação coletiva da realidade, [...]. Essa orientação é capaz de compreender novos aspectos da realidade” (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 200). Logo, a partir dessa realidade, os gêneros compõem e concebem em outros contextos discursivos novos gêneros, introduzindo novos usos da língua (novas práticas discursivas e, por conseguinte, novos estilos). Com o surgimento dessas novas formas de atividade discursiva, emergem novos gêneros. Na emergência de novos gêneros, o estilo consubstancia a funcionalidade e a constituição discursiva do gênero, em confluência ao conteúdo temático e à composicionalidade.

Pressupostos teórico-metodológicos

Bakhtin e Volochínov (2009 [1929]) pontuam repetidamente que a comunicação verbal não pode ser compreendida desvinculada da interação. Para os autores, “a comunicação verbal entrelaça-se inextricavelmente aos outros tipos de comunicação e cresce com eles sobre o terreno comum da situação de produção.” (p. 128). É sob a matriz dessa afirmativa que os autores postulam as diretrizes metodológicas para o estudo da língua:

(1) As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza. (2) As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, isto é, as categorias de ato de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal. (3) A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação linguística habitual. (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2009 [1929], p. 128-129).

Como podemos visualizar, as etapas acima orientam o pesquisador para a análise da língua sob a ordem do social para o linguístico, isto é, o analista inicia das formas e dos tipos de interação para o exame das formas da língua, ratificando o pressuposto de que a comunicação verbal só pode ser explicada a partir do vínculo com a situação concreta de interação. Além disso, as diretrizes metodológicas delineadas acima nos conduzem a olhar para outros conceitos que ascendem nos escritos dos autores: enunciado e gênero do discurso. Dado que é comum ao estudo da língua sob o viés sociológico do Círculo a recorrência aos diversos conceitos outros que ascendem nesse quadro teórico, neste momento, haja vista nosso objetivo, circunscrevemos nossa discussão em torno dos dois previamente mencionados. Assim, podemos compreender que, na perspectiva sociológica, a unidade de análise é o enunciado, e não língua como representação psíquica ou como sistema convencional e arbitrário, na forma de palavras ou orações isoladas. Em adição à presente discussão sobre as etapas metodológicas de análise da língua sob a ordem sociológica, Rojo (2005) assim esclarece:

[...] a ordem metodológica de análise que vai da situação social ou de enunciação para o gênero/enunciado/texto e, só então, para suas formas linguísticas relevantes [...]. Ao chegarmos nesse último nível de análise, vale a interpretação linguística habitual, isto é, as teorias e análises linguísticas disponíveis, desde que seguida a ordem metodológica que privilegia as instâncias sociais [...]. Dito de outra maneira, aqueles que adotam a perspectiva dos gêneros do discurso partirão sempre de uma análise em detalhes dos aspectos sócio-históricos da situação de enunciativa, privilegiando, sobretudo, a vontade enunciativa do locutor – isto é, sua finalidade, mas também e principalmente sua apreciação valorativa sobre seus interlocutores e temas discursivos -, e, a partir desta análise, buscarão marcas linguísticas (formas do texto/ enunciado/ língua – composição e estilo) que refletem no enunciado/texto, esses aspectos da situação. (ROJO, 2005, p. 199, grifo nosso).

Em consonância com a discussão de Rojo (2005), Brait (2014) explica que a metodologia proposta por Bakhtin para o estudo da linguagem, embora se apresente como uma abordagem diferenciada, não exclui a Linguística. Pelo contrário, Bakhtin (2008 [1965]) entende que devem completar-se, mas não se fundir. Dessa forma, como ratifica a autora, metodologicamente estaremos, em termos bakhtinianos, ultrapassando a materialidade linguística, procurando desvendar a articulação constitutiva que há entre o interno e o externo na linguagem.

Além disso, cabe ressaltar que, no caminho metodológico bakhtiniano, não há categorias de análise *a priori* aplicáveis de forma sistemática a textos, discursos, gêneros, com a finalidade de entender uso situado da língua. Nos escritos do Círculo, há, na verdade, uma arquitetura das diferentes formas de conceber o enfrentamento dialógico da linguagem, que se constituem de movimentos teórico-metodológicos multifacetados. De fato, cabe ao pesquisador desbravar esse caminho, construindo, por conseguinte, uma postura dialógica diante de seu objeto discursivo (BRAIT, 2014). “A pertinência de uma perspectiva dialógica se dá pela análise das especificidades discursivas constitutivas de situações em que a linguagem e determinadas atividades se interpenetram e se interdefinem [...]” (BRAIT, 2014, p. 29). Sob essa orientação, Brait (2014) assim esclarece:

Não há categorias *a priori* aplicáveis de forma mecânica a textos e discursos, com a finalidade de compreender formas de produção de sentido num dado discurso, numa dada obra, num dado texto [...]. As diferentes formas de conceber o “enfrentamento dialógico da linguagem” constituem, por sua vez, movimentos teóricos e metodológicos que se desenvolvem em diferentes direções. (BRAIT, 2014, p. 14-15, grifo da autora).

Em outro momento, a autora reitera,

[...] o maior ensinamento de Bakhtin [é] a atitude diante da linguagem que consiste não na aplicação de conceitos pré-estabelecidos a um corpus imobilizado pelas lupas do analista, mas numa atitude dialógica que permite que os conceitos sejam extraídos do corpus, a partir de um constante diálogo entre a postura teórico-metodológica e a dinâmica das atividades, da linguagem e da rica parceria por elas estabelecida. [...] (BRAIT, 2007, p. 28).

Como podemos ver, Brait (2007; 2014) ratifica o pressuposto da inexistência de categorias pré-estabelecidas para a análise da língua-enunciado sob a ordem sociológica do Círculo. Rojo (2005), Rodrigues (2001) e Acosta Pereira (2008; 2012), conforme supracitados nas seções anteriores, compartilham da mesma consideração, reiterando o postulado de que é nas “idas e vindas” aos dados que as regularidades ascendem e não na aplicação de modelos de análise pré-estabelecidos, imobilizando a potencialidade discursiva dos dados. Podemos compreender que, à luz dos escritos do Círculo, não há a possibilidade mecânica de

operacionalizar conceitos pré-estabelecidos (modelos de análise), mas um movimento dialógico com os dados,

[...] um continuum cujo acabamento, mesmo que visível, é sempre inconcluso, e participa de uma dinâmica permanente que interroga o analista e o obriga a buscar, até mesmo em outras disciplinas, conceitos, noções [...], que possam ajudar na análise da complexa relação existente entre as atividades humanas e as atividades discursivas a elas afeitas (BRAIT, 2007, p. 30-31).

À luz dessas considerações, os dados da nossa pesquisa são textos-enunciados dos gêneros *carta de conselhos* e *notícia* da esfera do jornalismo de revista online.

Tabela 01 – Universo dos dados – webcartas de conselhos

<i>Coluna</i>	<i>Revista</i>	<i>Acesso</i>
Claudia Blogs Betty Milan Nova Responde	<i>Claudia</i>	http://mdemulher.abril.com.br/blogs/
	<i>Veja</i>	http://veja.abril.com.br/colunistas/
	<i>Nova</i>	http://mdemulher.abril.com.br/blogs/nova-responde/

Fonte: Autores

Tabela 02 – Universo dos dados – webnotícias

<i>Seção</i>	<i>Revista</i>	<i>Acesso</i>
Notícias; dinheiro Beleza; estilo de vida; notícias Lifestyle; cultura; carreira e dinheiro. Notícias	<i>Ana Maria</i>	http://anamaria.uol.com.br
	<i>Claudia</i>	http://mdemulher.abril.com.br
	<i>Glamour</i>	http://revistaglamour.globo.com
	<i>Marie Claire</i>	http://revistamarieclaire.globo.com
Comportamento; ativismo; feminismo; etc.	<i>TPM</i>	http://revistatrip.uol.com.br/tpm

Fonte: Autores

Dados os pressupostos teórico-metodológicos de análise de gêneros à luz dos escritos do Círculo de Bakhtin e especificações sobre o universo dos dados da presente pesquisa (ver apêndice 01 e 02), direcionamo-nos à análise.

Análise dos dados

Nesta seção, apresentamos nossa análise das projeções de estilo dos gêneros *carta de conselhos* e *notícia* da esfera do jornalismo de revista online. Primeiramente, compreendemos que há, nas respostas do conselheiro nas cartas de conselhos e na voz da instância autoral das

notícias, o uso recorrente de **verbos de introdução do discurso de outrem**. Os verbos *dicendi* projetam explicitamente a introdução e o enquadramento do discurso do outro no discurso do conselheiro/articulista ou do autor da notícia, demarcando e valorando os discursos já-ditos, como podemos compreender nos exemplos a seguir:

Ex.: 01 - [...] *O Dr. Gaudencio acrescenta que o que faz homens comprometidos traírem com tanta facilidade é a certeza da impunidade. [...] "Então, o que tem a fazer é superar a história e seguir em frente", aconselha a psicoterapeuta Alina Discepolo Barone. (CRN#03)*

Ex.: 02 - [...] *Segundo a psicóloga Suzy Camacho, quem costuma enfrentar esse tipo de problema, em geral, sofre de baixa auto-estima. "São mulheres que cultivam sonhos irrealizáveis e alimentam a esperança de que o sujeito abandone a esposa ou a namorada para ficar com elas", fala. Há ainda a hipótese de essa "sina" significar medo de se entregar a uma paixão e se machucar, o que parece ser o seu caso. Suzy aconselha, antes de tudo, investir na auto-estima, conscientizando-se de que tem qualidades, de que merece ser amada. (CRN#04).*

Na carta CRN#03, o enunciado do Dr. Gaudêncio é introduzido e avaliado no enunciado do conselheiro/articulista pelo verbo “acrescentar”, enquanto que a voz da psicoterapeuta Alina é balizada e avaliada pelo verbo “aconselhar”. Na carta CRN#04, por sua vez, o enunciado da psicóloga Suzy Camacho é introduzido no discurso do conselheiro/articulista também pelo verbo “aconselhar”. Os verbos de introdução do discurso do outro funcionam como marcadores da alternância dos sujeitos do discurso e de seus enunciados, delimitando os espaços discursivos das vozes que se interceptam no discurso do conselheiro/articulista.

A partir da análise dos verbos que sinalizam/demarcam a alternância de vozes no discurso, podemos também compreender as posições enunciativas desse discurso reenunciado. Como podemos observar na tabela abaixo, na carta de conselhos, o discurso já-dito do outro reenunciado no enunciado do conselheiro/articulista vem de diferentes posições enunciativas: médicos, psicólogos, cientistas/teóricos ou outros conselheiros/articulistas.

Tabela 03: Posições enunciativas de onde ascendem os discursos outros no discurso do conselheiro/articulista

<i>Posições enunciativas</i>	<i>Médico Psicólogo Cientista/teórico Colega conselheiro/articulista</i>
------------------------------	--

Fonte: Autores

Ainda, com a análise dessa projeção estilística foi possível entender a relação entre os verbos de introdução do discurso do outro e as posições enunciativas a partir das quais esses verbos axiologicamente são reenunciados. Vejamos a tabela abaixo:

Tabela 04: As posições enunciativas e os verbos de introdução do discurso de outrem.

<i>Posições enunciativas</i>	<i>Verbos de introdução do discurso de outrem</i>
Médico	Aconselhar
Psicólogo	Pensar; acrescentar; aconselhar; falar
Cientista/ Teórico	Afirmar; confirmar; dizer; falar
Colega conselheiro	Dizer; falar

Fonte: Autores

Podemos compreender que os verbos regularmente seguem determinadas orientações valorativas dependentes do papel enunciativo que o sujeito ocupa no discurso e que, por conseguinte, dá o tom a sua posição de autoridade no gênero. Por essa razão, entendemos que além de marcar a alternância entre diferentes enunciados, esses verbos demarcam a posição semântica que o autor dá a esses enunciados citados e qual a relação com seu discurso-resposta. O conselho do conselheiro/articulista apoia-se na voz de autoridade emanada pelos enunciados citados.

No caso do gênero notícia, entendemos que o uso de verbos *dicendi* marca a avaliação, por parte da instância autoral, em relação aos discursos outros que são reenunciados e funcionam como vozes de autoridades. Essas vozes de autoridade, por sua vez, ratificam a posição avaliativa da própria instância autoral, conforme os exemplos a seguir:

Ex.: 03 - “[...] De acordo com a veterinária Gabriela Muniz, a castração é a única saída para reduzir o número de animais de rua. ‘O procedimento também diminui o risco de infecções e doenças, como câncer de mama, útero, próstata e testículos nos animais’, explica. Ela ainda faz o alerta de que o procedimento ajuda a diminuir o roubo de animais de raça para a procriação e venda clandestina [...]” (AM#01).

Ex.: 04 - “Gravidez provoca mudanças no cérebro das mulheres, garantem pesquisadores” (Título da notícia MC#02).

O exemplo AM#01 retoma dizeres de uma autoridade (veterinária) para ratificar as condições precárias nas quais vivem os animais de rua, uma vez que sua formação acadêmica atribui propriedade ao seu discurso. A introdução da voz da veterinária se dá de forma indireta, pela escolha do verbo *dicendi* “explicar” na delimitação da alternância de vozes. O emprego do verbo “explicar” atribui nuances de sentidos diferentes de verbos como “dizer” ou “falar” na medida em que, para desenvolver uma explicação sobre determinado assunto, o interlocutor deve ter propriedade e, ao balizar o discurso da veterinária com essa escolha, a instância autoral segue essa orientação semântico-valorativa como estratégia de convencimento do leitor.

No exemplo MC#02, o uso do verbo “garantir” para enquadrar e demarcar os dizeres dos pesquisadores que realizaram o estudo mostra como a posição de autoridade é respeitada, já que o verbo *dicendi* escolhido para isso tem maior força de validade do que outros verbos

como “dizer”, “afirmar”, etc. Ao mesmo tempo em que a instância autoral delimita sua voz e a voz dos pesquisadores, enquadra os dizeres destes de forma valorada, de modo que o leitor assimile esses dizeres também como verdades e não questione os dados. Conforme Bakhtin (2011 [1979]), entendemos que a retomada do discurso de outrem em uma nova situação de interação projeta sentidos outros, sendo que, na publicação aqui analisada, os dizeres das autoridades no assunto foram enquadrados como estratégia de convencimento pelo movimento de assimilação.

Além dos verbos de introdução do discurso do outro, há o uso de **modalizadores** pelo conselheiro/articulista e pela instância autoral das notícias. Diferentes estudos têm procurado compreender a modalização. Em nossa pesquisa, retomamos as discussões de Castilho e Castilho (1993), Koch (2004) e Nascimento (2009). De acordo com Castilho e Castilho (1993), a modalização sempre expressa o julgamento do falante sobre o conteúdo de seu enunciado, sendo que a modalização movimenta diversos recursos da língua, como a prosódia, os modos verbais, os verbos auxiliares, os adjetivos, os advérbios, dentre outros. Em conjunto à explicação dos autores, Koch (2004) afirma que, a partir da modalização, o falante manifesta suas intenções e atitudes face ao enunciado que produz. Nascimento (2009), por sua vez, trata o fenômeno da modalização como uma estratégia argumentativa que se faz presente nos diversos textos em uso.

Observamos que os autores mencionados acima entendem a modalização a partir da posição que o falante toma face ao seu enunciado. Por outro lado, em nossos dados, essa orientação apreciativa balizada pela modalização segue três perspectivas semântico-axiológicas na resposta do conselheiro/articulista e na discursivização das notícias, a saber:

1. A modalização epistêmica funciona com o sentido de orientar o conselheiro/articulista quanto ao caráter de veracidade dos problemas que o reclamante expõe, enquanto que, nas notícias, há a validação de discursos outros para ratificar a posição a instância autoral.
2. A modalização deôntica funciona com o sentido de orientar o reclamante quanto ao grau de necessidade ou obrigatoriedade de aceitar o conselho dado. Nas notícias, funciona como estratégia para ratificar as vozes de autoridade reenunciadas na discursivização dos acontecimentos.
3. A modalização avaliativa/axiológica/afetiva funciona com o sentido de assinalar/expressar reações emotivas do conselheiro/articulista face aos problemas do reclamante. Nas notícias, funciona como meio de fortalecer a adesão do leitor.

Vejam os exemplos a seguir:

Ex.: 05 - *Estou desconfiada de que meu marido tem uma amante. Ele nega, mas estou cismada e quero que ele use camisinha comigo. Como posso exigir isso? Se até então vocês não usavam camisinha, acredito que é porque havia plena confiança. Deixando de haver... Agora, francamente, mais do*

que exigir o uso da camisinha, é você que precisa rever seus valores. Posso entender que está dizendo que, se ele usar camisinha, tudo bem continuar a ter uma amante? (CRC#05)

Ex.: 06 - *Namoro um rapaz há dois anos. De uns tempos para cá, ele tem se esquecido de me dar atenção e se dedicado muito ao trabalho e à mãe dele! Não sei o que fazer, pois o amo muito, mas não consigo dividi-lo com ninguém. O que devo fazer? Não é porque formam um casal que devem fazer tudo sem desgrudar um do outro. Talvez ele esteja em uma fase em que precise se dedicar um pouco mais ao trabalho. Infelizmente, nesse caso, o melhor a fazer é entender e aproveitar os momentos que não está com ele para curtir sua individualidade. Vale encontrar as amigas, passar o sábado no cabeleireiro... Agora, se a dedicação dele ao trabalho e à mãe já passou dos limites, hora de ter uma conversa franca e dizer que sente falta dele. Agora, procure não fazer drama. Em vez disso, dê exemplos de situações em que desejaria estar mais perto dele. (CRN#06)*

Ex.: 07 - *Toda e qualquer mulher pode gravar seu relato. Se interessou? Então se liga no dia e horário das gravações e vai lá (TPM#01).*

Ex.: 08 - [...] *De acordo com a veterinária Gabriela Muniz, a castração é a única saída para reduzir o número de animais de rua. ‘O procedimento também diminui o risco de infecções e doenças, como câncer de mama, útero, próstata e testículos nos animais’, explica. Ela ainda faz o alerta de que o procedimento ajuda a diminuir o roubo de animais de raça para a procriação e venda clandestina [...] (AM#01).*

No exemplo da carta CRC#05, temos a reafirmação da posição avaliativa do conselheiro/articulista por meio das expressões modalizadoras epistêmicas “*acredito que*” e “*posso entender que*” e da expressão modalizadora deôntica “*é você que precisa*”. Além disso, temos a expressão modalizadora avaliativa “*francamente*”. Com o uso dos modalizadores epistêmicos, o conselheiro/articulista expressa sua avaliação quanto ao grau de veracidade do enunciado da reclamante, direcionando-a para a compreensão que ele tem do fato relatado (“*Se até então vocês não usavam camisinha, acredito que é porque havia plena confiança.*”) e do valor de certeza em poder acreditar no que a reclamante expõe: “*Posso entender que está dizendo que, se ele usar camisinha, tudo bem continuar a ter uma amante?*”. Dessa forma, as duas expressões modalizadoras epistêmicas que o conselheiro/articulista se utiliza na carta CRC#05 funcionam no sentido de orientar o conselheiro/articulista quanto ao grau de veracidade e de credibilidade do relato da reclamante.

Em contrapartida, ao se utilizar da expressão modalizadora deôntica “*é você que precisa*”, o conselheiro/articulista assinala o grau de necessidade do conselho dado. Ao afirmar que a reclamante “*precisa rever seus valores*”, o conselheiro/articulista está, de forma impositiva, orientando-a para seu conselho. Na mesma carta, o conselheiro/articulista ainda se utiliza do modalizador avaliativo “*francamente*” que, como já vimos, assinala as reações emotivas do conselheiro/articulista face aos problemas da reclamante.

Na carta CRN#06, o conselheiro/articulista procura direcionar a reclamante a determinadas posições de valor quanto ao seu relacionamento conjugal. As expressões modais

deônticas “*devem*”, “*talvez*”, “*precise*”, “*o melhor a fazer é*”, “*hora de ter*” projetam no enunciado do conselheiro/articulista orientações para a reclamante valorativamente impositivas: “[...] *nesse caso, o melhor a fazer é entender e aproveitar os momentos que não está com ele para curtir sua individualidade*”, ou seja, ratifica a posição discursiva de imperatividade e de impositividade dos conselhos dados pelo conselheiro/articulista à reclamante.

Já no exemplo TPM#01, há diversos marcadores avaliativos no convite feito pela autoria da notícia, como a repetição dos pronomes indefinidos e o destaque a ambos são estratégias discursivas empregadas para dar ênfase à receptividade do projeto e incentivar a participação. Ademais, o marcador conversacional “você” é usado em diversos momentos com o intuito de aproximar notícia e leitora e estreitar laços, assim como no uso dos marcadores conversacionais “se interessou?”, “se liga” e “vai lá”. Há também o uso de pergunta e resposta como estratégia de convencimento da leitora, já que sua possível resposta ativa é antecipada (a de que há a assimilação da leitora e interesse na participação) e, logo em seguida, respondida pela autora da notícia com o objetivo de incentivar a participação do público. Por fim, o emprego do verbo “ir” na forma impositiva projeta uma ordem encoberta para que a leitora faça parte do projeto, ratificando a importância atribuída pela revista e de convencê-la de que vale a pena participar. Ressaltamos que esse uso da imperatividade é, ainda, modalizado, já que a expressão “se liga” geralmente é usada em contextos menos formais e entre interlocutores que já possuem certos níveis de intimidade.

O exemplo AM#01, que noticia o alto número de animais abandonados no Brasil, retoma dizeres de mais uma autoridade para ratificar as condições precárias nas quais vivem os animais de rua, uma vez que sua formação acadêmica (medicina veterinária) atribui propriedade ao seu discurso. A introdução da voz da veterinária se dá primeiramente de forma indireta e modalizada, já que o uso da palavra “única” indica a limitação de opções para a solução do problema e a urgência para que se tome alguma atitude. O emprego do termo “alerta” ainda no exemplo AM#01 ratifica essa assimilação de sua voz, posto que chama a atenção do leitor para a informação que vem a seguir.

Outra característica de estilo da carta de conselhos e no gênero notícia é o uso de **perguntas retóricas**. Nas cartas, o conselheiro/articulista se utiliza enunciativamente de perguntas retóricas com o objetivo de construir uma *afirmação induzida*, isto é, com o objetivo de criar um movimento discursivo para convencer o reclamante do ponto de vista apresentado, reagindo ao seu já-dito (do reclamante) com questionamentos que o “induzem” a aceitar mais

facilmente o conselho dado. Nas notícias, o uso desse recurso também procura levar a leitora a assimilar a posição da instância autoral.

Além disso, concordamos com Rodrigues (2001) que as perguntas retóricas se apresentam como ricas estratégias persuasivas que, em determinados gêneros, como no artigo assinado e, neste estudo, na carta de conselhos e na notícia, projetam uma perspectiva de interação típica do diálogo face a face. No caso do gênero *carta de conselhos*, as perguntas retóricas são frequentemente usadas como forma de induzir o reclamante a refletir sobre seu problema (como se ele fizesse esse questionamento) e se encaminhar à aceitação do conselho dado, que é a reação-resposta desejada pelo conselheiro/articulista.

Ex.: 15 - *Gostaria de uma simpatia para meu namorado parar de sair com os amigos e vir mais atrás de mim. Essa foi boa. Tal simpatia não existe... Mas por que deseja que seu namorado pare de sair com os amigos? Manter os próprios interesses faz bem à relação, desde que haja equilíbrio. Você mesma deve também ter sua vida, sair com a turma vez ou outra, fazer um curso, ir ao cinema sem ele. Isso só a tornará mais interessante aos olhos do moço, sabia? E aí, sim, ele virá atrás de você. (CRN#08).*

Ex.: 16 - *Troquei beijos e carícias com um colega. Trabalhamos na mesma sala, somos sérios e discretos, mas sinto que algumas pessoas estão desconfiadas e tenho medo de que isso possa me prejudicar se chegar aos ouvidos do chefe. Atração, interesse e afeto são difíceis de esconder. Não tem jeito. O que é preciso esclarecer é o que há entre vocês. Por que tem de esconder dos outros o relacionamento? É só uma aventura? Um de vocês é casado? É filosofia da empresa não ter casais entre os funcionários? Prestem atenção no que há de fato entre vocês e, se for para valer, enfrentem o chefe ou decidam quem vai procurar outro emprego. (CRC#01).*

Ex.: 17 - [...] *De um jeito ou de outro, o vício atrapalha bastante a vida, né? (AM#02).*

Ex.: 18 - *O cenário atual: #ElaFazHistória chega num momento em que existem cerca de 8 milhões de empreendedoras no Brasil, segundo o Sebrae. Se somarmos o mercado informal, o número chega a 22 milhões. Nos últimos dez anos, o número de empreendedoras por aqui cresceu 16%. E, de acordo com o Facebook, o número de mulheres que têm páginas de negócios na rede social dobrou no último ano – estamos abrindo negócios, hein? (GL#02).*

Na carta CRN#08, na parte da resposta “Mas por que deseja que seu namorado pare de sair com os amigos? Manter os próprios interesses faz bem à relação, desde que haja equilíbrio. [...] Isso só a tornará mais interessante aos olhos do moço, sabia? E aí, sim, ele virá atrás de você”, o conselheiro/articulista se utiliza da pergunta retórica: “Mas por que deseja que seu namorado pare de sair com os amigos?” não apenas como forma de questionar a reclamante, mas principalmente como uma forma de induzi-la a uma determinada resposta: “Manter os próprios interesses faz bem à relação, desde que haja equilíbrio”.

Na carta CRC#01, “Por que tem de esconder dos outros o relacionamento? É só uma aventura? Um de vocês é casado? É filosofia da empresa não ter casais entre os funcionários?

Prestem atenção no que há de fato entre vocês e, se for para valer, enfrentem o chefe ou decidam quem vai procurar outro emprego”, as perguntas retóricas funcionam como questionamentos que direcionam a reclamante a autoquestionar-se: “qual a verdadeira relação entre vocês?”, à medida que as perguntas que se sucedem induzem a reclamante a “aceitar” persuasivamente a resposta dada pelo conselheiro.

Na notícia AM#02, a instância de autoria manda uma espécie de recado para a leitora, pois altera levemente o estilo da última frase e a finaliza com uma interrogação, como se buscasse a concordância em relação ao que foi mostrado, caso semelhante ao que ocorre na notícia anteriormente analisada. O uso do marcador conversacional “né” e de pergunta retórica, ao final, convida o leitor a concordar com essa discussão, e, portanto, constrói o efeito de aproximação. No exemplo GL#02, ao final, há um comentário feito por parte da autoria da notícia de modo a se aproximar da leitora. Com uma pergunta retórica, a instância autoral busca a concordância da leitora quando questiona: “estamos abrindo negócios, hein?”, o que ratifica a avaliação positiva dos dados apresentados

Outra regularidade de estilo observada na carta de conselhos e nas notícias é a presença de **marcadores avaliativos**. De acordo com Koch (2004), os marcadores avaliativos projetam uma avaliação do locutor diante dos enunciados que produz, ou seja, eles materializam “[...] uma atitude subjetiva do locutor em face de seu enunciado, produzindo uma avaliação ou valoração dos fatos [...]” (KOCH, 2004, p. 53). No gênero *carta de conselhos*, os marcadores avaliativos são expressões enunciativas que projetam a posição axiológica do conselheiro/articulista face aos problemas do reclamante, como nas cartas abaixo:

Ex.: 19 - *Tenho 27 anos e estou casada há três com um homem de 30 que nunca me procura. Sou bonita, ando bem arrumada e tenho certeza de que sou desejável. Ele também é vaidoso, pratica jiu-jítsu e sei que não me trai. Nossos amigos acham que ele é gay. Como fazê-lo confiar em mim e me contar o que se passa? Aliás, o que se passa? Estranho mesmo. Vocês são casados há pouco tempo, era para a relação ainda estar dando um belo caldo. Mas vem cá... E quando namoravam? Era diferente? Ele era um übersexy com você ou já dava sinais de desinteresse? Bom, não há outra saída a não ser uma conversa franca. Dê a ele a certeza de que você o ouvirá deixando de lado sua porção "juíza" (que todas nós temos). Não o ameace, não o critique de antemão, apenas ouça. Se ele não destravar, sugira uma terapia. E, se nada disso funcionar, não se acomode, pense no seu futuro. Sexo não é algo desprezível numa relação, você sabe. (CRC#02)*

Ex.: 20 - *A mãe do seu namorado perdeu o marido quando o filho tinha dois anos. Se acaso foi feliz no casamento, a felicidade durou pouco. Depois, teve um relacionamento tão conturbado que o filho foi obrigado a sair de casa. Ou seja, foi novamente infeliz e o menino, que já havia crescido sem pai, foi obrigado a se separar precocemente da mãe. Só por aí já dá para entender que o seu namorado tenha horror ao casamento. Não sabe o que é uma vida de família boa. Por outro lado, aos 20 anos, ele teve um filho, ou seja, se tornou pai solteiro. A paternidade e o casamento para ele estão dissociados. Para você, que vem de uma família tradicional, um não existe sem o*

outro. Vocês dois não têm o mesmo ponto de vista. Seria bom saber o que o namorado quer dizer quando fala em fazer uma família [...].(CRV#01)

Ex.: 21 - *Nos Estados Unidos, vários estados têm leis que exigem que as mulheres procurem serviços de aborto avisando sobre os potenciais riscos à saúde mental que a interrupção de uma gravidez pode causar a longo prazo. Um documento do governo do Texas diz que mulheres costumam relatar uma gama de emoções após o procedimento, como depressão, flashbacks e pensamentos suicidas, mostrou uma reportagem do The Huffington Post (MC#03).*

Ex.: 22 - *[...] Uma das hipóteses para a desvantagem é o medo das empresas de terem de arcar com mais gastos com a saúde dos empregados fumantes. Há ainda uma segunda explicação: a de que eles, em geral, têm níveis menores de educação e menor qualificação para o mercado de trabalho, encontrando assim mais dificuldades em serem contratados. [...]* (AM#02).

Nas cartas acima, o conselheiro/articulista avalia a situação das reclamantes e, para tanto, utiliza-se de vários marcadores avaliativos. Por exemplo, de adjetivações (“*um belo caldo*”, “*conversa franca*”) e afirmações conclusivas, (“*estranho mesmo*” e “*sexo não é algo desprezível*”) na carta CRC#02. Já na carta CRV#01, o conselheiro/articulista se utiliza de marcadores avaliativos como “*tão conturbado*”, “*novamente infeliz*” e “*família tradicional*”, que trabalham em conjunto para a construção das avaliações que ele projeta e enuncia para os problemas do reclamante.

Nas notícias, por outro lado, os marcadores avaliativos demarcam a posição axiológica da instância autoral acerca do que está sendo noticiado, ao mesmo tempo em que procuram levar a leitora a assimilar essa posição. Na notícia MC#03, as marcas discursivas na reenunciação das duas instâncias mostram o movimento de avaliação negativa do governo dos EUA e de assimilação das vozes de especialistas da área médica. O uso do marcador avaliativo “*exigir*” valora a determinação da lei como imposição, sem que a mulher tenha escolha a se submeter ou não aos serviços, ou seja, como intimidação.

No trecho AM#02, compreendemos que a análise das hipóteses levantadas pela notícia para justificar a rejeição das empresas comprova a assimilação dos dados por parte da instância autoral, como afirmado, pois Bakhtin (2011 [1979]) argumenta que a relação valorativa do falante com seu objeto do discurso determina as escolhas lexicais e gramaticais na construção do enunciado. No referido exemplo, entendemos que as escolhas lexicais não ocorrem de forma aleatória, mas de modo a atender à intenção discursiva da autoria da notícia, além de evidenciarem a relação valorativa estabelecida com o dizer da empresa realizadora da pesquisa. Os marcadores avaliativos “*desvantagem*”, “*medo*”, “*arcar*” e “*dificuldades*” reforçam a negatividade dessas possíveis consequências a serem enfrentadas pelas empresas num cenário construído, pois entendemos que a escolha desses marcadores está orientada pela projeção da

avaliação negativa do hábito de fumar e que, reenunciadas nesse contexto, valoram negativamente as informações apresentadas.

É recorrente também o **uso de verbos conjugados na 1ª pessoa do singular e do plural**, como podemos observar a seguir:

Ex.: 26 - *Estou desconfiada de que meu marido tem uma amante. Ele nega, mas estou cismada e quero que ele use camisinha comigo. Como posso exigir isso? Se até então vocês não usavam camisinha, acredito que é porque havia plena confiança. Deixando de haver... Agora, francamente, mais do que exigir o uso da camisinha, é você que precisa rever seus valores. Posso entender que está dizendo que, se ele usar camisinha, tudo bem continuar a ter uma amante? (CRC#05).*

Ex.: 27 - *Estou namorando um homem recém-separado. Sei que ele gosta de mim, mas tenho que aturar muitas coisas do falido casamento, como uma caneca cafona com a foto do casal. Ele não está pronto para outra ou só é preguiçoso? É preguiçoso. Homem não sabe fazer essas mudanças. A gente é que vai mudando, com jeitinho. Quando fui morar com meu primeiro marido, ele colocou uma foto da ex no escritório. Ele é fotógrafo e dizia que adorava o ângulo da foto. Eu não enxergava ângulo nenhum, só a cara dela. Aos poucos, fui trocando por fotos nossas, feitas por ele, ajudando-o a se desapegar. [...] (CRC#06)*

Ex.: 28 - *Minha cara, será mesmo que o seu problema é ter um guarda-roupa, como você diz, feio e cafona? Sapatos, bolsas e acessórios da moda são suficientes para garantir uma vida social agitada? Vamos investigar (CRN#02)*

Observamos que essa estratégia estilística compartilha com a carta do reclamante a ideia de confissão. Em outras palavras, o uso da 1ª pessoa do singular reforça a posição de suposta confissão, um direcionamento íntimo do conselheiro/articulista para com os problemas íntimos do reclamante. É uma espécie de desabafo, de compartilhamento de anseios, e sentimentos pessoais sobre a questão posta. É mais fácil convencer o reclamante quando o conselheiro/articulista a ele se iguala: “você confessa, eu confesso também”.

Em relação ao uso da 1ª pessoa do plural, esta estratégia reforça a busca por proximidade entre o reclamante e o conselheiro/articulista. Diferente de outras situações em que o “nós” pode funcionar com o sentido de exclusão, o “nós” na carta de conselhos é sempre de tom inclusivo: é o conselheiro/articulista (“eu”) que se conjuga ao reclamante (“você”), na busca conjunta por soluções. Além disso, essa estratégia estilística situa o discurso de confissão em um tom de informalidade, o que se ajusta à intenção de criar elos de proximidade do conselheiro/articulista com o reclamante. Na notícia, o “nós” pode funcionar como marca institucional (nós da empresa jornalística) como pode explicitar a proximidade com o leitor (nós – da empresa jornalística e vocês leitores).

A partir disso, retomamos o estudo de Bakhtin (2004 [1960]) sobre a *análise estilística das formas gramaticais*. Segundo o autor, não se pode estudar formas gramaticais sem constantemente considerar sua orientação estilística. Cada forma gramatical, para o autor, é, ao

mesmo tempo, um meio linguístico e um meio de representar a realidade. Assim, cada forma gramatical deve também ser considerada sob a ordem dialógica de sua potencialidade representativa e expressiva. Bakhtin (2004 [1960], p. 13) explica que a escolha de formas gramaticais ou léxico-gramaticais para a interação não é determinada linguisticamente, mas, acima de tudo, estilisticamente, isto é, determinada por critérios de representação e expressão estilísticos.

A análise dos elementos linguísticos no gênero *carta de conselhos* e do gênero *notícia* demonstra a importância da orientação estilística para o estudo das formas léxico-gramaticais, à medida que, a partir do estudo dos recursos estilísticos, procuramos entender de que formas linguísticas o conselheiro/articulista e o autor das notícias se ocupam para realizar seu projeto discursivo. Como vimos, entender esses recursos linguísticos-enunciativos não demanda análise lógico-formal, “mas orientação estilística” (BAKHTIN, 2004 [1960], p. 12).

Considerações finais

Ao longo da análise dos dados, verificamos que a discursivização do objeto apresenta regularidades de estilo, como: (i) verbos de introdução do discurso de outrem, que marcam discursivamente a alternância de vozes no discurso; (ii) modalizadores, que orientam axiologicamente a atitude responsiva em relação ao já-dito; (iii) perguntas retóricas, que funcionam como marcas de autoafirmação induzida; (iv) marcadores avaliativos, que funcionam como expressões enunciativas que marcam a posição do autor; e (v) verbos conjugados na 1ª pessoa do singular e do plural, que reforçam a ideia de inclusão ou exclusão do interlocutor em potencial.

Nessas considerações finais procuramos, em um olhar retrospectivo, retomar nossos resultados da análise dos gêneros *carta de conselhos e notícia*. Afirmamos, nesse momento, que com a pesquisa não procuramos esgotar as possibilidades de análise, mas apresentar um caminho inicial frente às diversas possibilidades de se compreender “a riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso.” (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 262) e, por conseguinte, das questões envoltas ao estilo nas práticas de uso da língua.

Referências

ACOSTA-PEREIRA, Rodrigo. *O gênero carta de conselhos em revistas online: na fronteira ente o entretenimento e a autoajuda*. 2012. 259 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2012.

_____; RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os gêneros do discurso sob a perspectiva da análise dialógica de discurso de Círculo de Bakhtin. *Letras*, Santa Maria, RS, v. 20, n. 40, p. 147-162, jan./jun. 2010.

BAKHTIN, Mikhail. *O Freudismo: um esboço crítico*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Perspectiva, 2004 [1924].

_____. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2008 [1965].

_____. (Volochínov). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009 [1929].

_____. *Estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WWF Martins Fontes, 2011 [1979].

_____. *Para uma filosofia do Ato Responsável*. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. 2. ed. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2012 [1920-1924].

_____. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Tradução de Aurora Fornini Bernardini et al. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2014 [1975].

BRAIT, Beth (Org.). Análise e teoria do discurso. In: _____ (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014. p. 9-31.

_____. *Bakhtin: conceitos-chave*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 61-77.

_____; MELO, Rosineide. Enunciado/ enunciado concreto/ enunciação. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 61-77.

_____. O discurso sob o olhar de Bakhtin. In: GREGOLIN, M. R. do; BARONAS, R.(Org.). *Análise do discurso: as materialidades do sentido*. 3. ed. São Carlos, SP.: Claraluz, 2007. p. 19-32.

CASTILHO, Ataliba Teixeira.; CASTILHO, Célia Maria Moraes de. Advérbios modalizadores. In: ILARI, R. (Org.). *Gramática do português falado*. 2.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. v. II.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. 9.ed. São Paulo: Contexto, 2004.

MACHADO, Irene. Gêneros do discurso. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 151-166.

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch. *O método formal nos estudos literário: introdução crítica a uma poética sociológica*. Tradução de Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012.

NASCIMENTO, Erivaldo Pereira. *Jogando com as vozes do outro: argumentação na notícia jornalística*. João Pessoa: Editora Universitária, UFPB, 2009.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. *A constituição e funcionamento do gênero jornalístico artigo: cronotopo e dialogismo*. 2001. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

ROJO, Roxane. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée. (Org.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005. p. 184-207

APÊNDICE 01: As webcartas de conselhos

<i>Revista</i>	<i>Coluna</i>	<i>Título</i>	<i>Especialista(s)) Consultado(s)</i>	<i>Endereço eletrônico</i>	<i>Específic ação dos dados</i>	<i>Data de acesso</i>
<i>Claudia</i>	Claudia responde	"O que eu faço agora?" - dúvidas sobre amor!	Célia Marcondes Ferraz Maria Helena Vilela	http://claudia.abril.com.br	CRC01	10/03/10
<i>Claudia</i>	Claudia responde	"O que eu faço agora?" - dúvidas sobre amor!	Dulce Critelli Martha Medeiros	http://claudia.abril.com.br	CRC02	10/03/10
<i>Claudia</i>	Claudia responde	"O que eu faço agora?" - dúvidas sobre amor!	Martha Medeiros Maria Helena Vilela	http://claudia.abril.com.br	CRC03	10/03/10
<i>Claudia</i>	Claudia responde	"O que eu faço agora?" - dúvidas sobre amor!	Padre Fábio de Melo Samanta Obadia	http://claudia.abril.com.br	CRC04	10/03/10
<i>Claudia</i>	Claudia responde	"O que eu faço agora?" - dúvidas sobre amor!	Juliana Sampaio Lana Harari	http://claudia.abril.com.br	CRC05	10/03/10
<i>Claudia</i>	Claudia responde	"O que eu faço agora?" - dúvidas sobre amor!	Dulce Critelli Padre Fábio de Melo	http://claudia.abril.com.br	CRC06	10/03/10
<i>Claudia</i>	Claudia responde	"O que eu faço agora?" - dúvidas sobre amor!	Mônica Martelli Suzana Pires Padre Fábio de Melo	http://claudia.abril.com.br	CRC07	10/03/10
<i>Claudia</i>	Claudia responde	"O que eu faço agora?" - dúvidas sobre amor!	Suzana Pires Padre Fábio de Melo	http://claudia.abril.com.br	CRC08	10/03/10
<i>Claudia</i>	Claudia responde	"O que eu faço agora?" - dúvidas sobre amor!	Suzana Pires Padre Fábio de Melo	http://claudia.abril.com.br	CRC09	10/03/10
<i>Claudia</i>	Claudia responde	"O que eu faço agora?" - dúvidas sobre amor!	Suzana Pires Padre Fábio de Melo	http://claudia.abril.com.br	CRC10	10/03/10
<i>Nova</i>	Nova responde	Ø	Dr. Paulo Gaudêncio	http://nova.abril.com.br	CRN01	15/03/10
<i>Nova</i>	Nova responde	Ø	Dr. Paulo Gaudêncio	http://nova.abril.com.br	CRN02	15/03/10

<i>Nova</i>	Nova responde	Ø	Alina Discepolo Barone.	http://nova.abril.com.br	CRN03	15/03/10
<i>Nova</i>	Nova responde	Ø	Suzy Camacho	http://nova.abril.com.br	CRN04	15/03/10
<i>Nova</i>	Nova responde	Ø	Ø	http://nova.abril.com.br	CRN05	15/03/10
<i>Nova</i>	Nova responde	Ø	Ø	http://nova.abril.com.br	CRN06	15/03/10
<i>Nova</i>	Nova responde	Ø	Ø	http://nova.abril.com.br	CRN07	15/03/10
<i>Nova</i>	Nova responde	Ø	Ø	http://nova.abril.com.br	CRN08	15/03/10
<i>Nova</i>	Nova responde	Ø	Ø	http://nova.abril.com.br	CRN09	15/03/10
<i>Nova</i>	Nova responde	Ø	Ø	http://nova.abril.com.br	CRN10	15/03/10
<i>Veja</i>	Consultório Sentimental	Casamento	Betty Milan	http://veja.abril.com.br	CRV01	15/03/10
<i>Veja</i>	Consultório Sentimental	Maconha	Betty Milan	http://veja.abril.com.br	CRV02	15/03/10
<i>Veja</i>	Consultório Sentimental	Duplo Dilema	Betty Milan	http://veja.abril.com.br	CRV03	15/03/10
<i>Veja</i>	Consultório Sentimental	Aberração	Betty Milan	http://veja.abril.com.br	CRV04	15/03/10
<i>Veja</i>	Consultório Sentimental	Descrente	Betty Milan	http://veja.abril.com.br	CRV05	15/03/10
<i>Veja</i>	Consultório Sentimental	Beco sem saída	Betty Milan	http://veja.abril.com.br	CRV06	15/03/10
<i>Veja</i>	Consultório Sentimental	O fio de Ariadne	Betty Milan	http://veja.abril.com.br	CRV07	15/03/10
<i>Veja</i>	Consultório Sentimental	Deslealdade	Betty Milan	http://veja.abril.com.br	CRV08	15/03/10
<i>Veja</i>	Consultório Sentimental	A boca	Betty Milan	http://veja.abril.com.br	CRV09	15/03/10
<i>Veja</i>	Consultório Sentimental	Insensatez	Betty Milan	http://veja.abril.com.br	CRV10	15/03/10

APÊNDICE 02: as webnotícias

<i>Revista</i>	<i>Seção</i>	<i>Título</i>	<i>Endereço eletrônico</i>	<i>Especificação dos dados</i>	<i>Data de acesso</i>
Ana Maria	Notícias	Faça sua parte.	http://anamaria.uol.com.br	AM01	18/07/16
Ana Maria	Notícias	Fumantes ficam mais tempo desempregados	http://anamaria.uol.com.br	AM02	29/07/16
Ana Maria	Notícias/Dinheiro	Abrir conta pela internet agora pode!	http://anamaria.uol.com.br	AM03	29/07/17
Claudia	Beleza	Cada vez mais insatisfeitas, mulheres lutam contra padrões de beleza.	http://claudia.abril.com.br	CL01	29/07/16
Claudia	Estilo de vida	Malala Yousafzai passou seu aniversário no maior campo de refugiados do mundo	http://claudia.abril.com.br	CL02	20/07/16
Claudia	Notícias	Casos de abuso sexual no transporte público crescem 29% em um ano	http://claudia.abril.com.br	CL03	01/12/16
Glamour	Lifestyle/Cultura	Projeto pede inclusão de novos verbetes sobre gêneros no dicionário	http://revistaglamour.globo.com	GL01	17/07/16
Glamour	Lifestyle/Carreira e dinheiro	Facebook e Instagram lançam programa que incentiva a mulher a abrir o seu próprio negócio	http://revistaglamour.globo.com	GL02	22/07/16
Glamour	Na Real	Motorista de Uber salva adolescente de sequestro e tráfico humano	http://revistaglamour.globo.com	GL03	05/01/17
Marie Claire	Notícias	Chega de tabu! Papa Francisco defende a amamentação em público	http://revistamarieclaire.globo.com	MC01	10/01/17
Marie Claire	Notícias	Gravidez provoca mudança no cérebro das mulheres, garantem pesquisadores	http://revistamarieclaire.globo.com	MC02	22/12/16
Marie Claire	Notícias	Abortos não provocam problemas mentais nas mulheres, mas a sua proibição sim, diz pesquisa	http://revistamarieclaire.globo.com	MC03	20/12/16
TPM	Comportamento; ativismo; São Paulo; feminismo	Chega de silêncio	http://revistatrip.uol.com.br/tpm	TPM01	20/07/16
TPM	TPM; etc.	Artesanal e independente	http://revistatrip.uol.com.br/tpm	TPM02	11/03/17
TPM	Violência; feminismo; machismo; argentina; etc.	Argentinas insistem no grito: Nos queremos vivas!	http://revistatrip.uol.com.br/tpm	TPM03	20/12/16